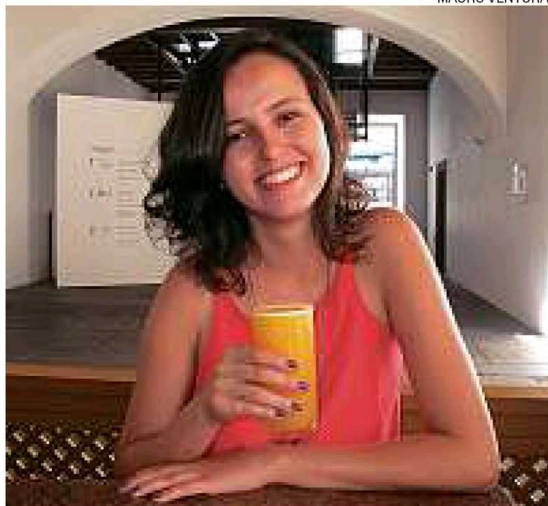


Dois sucos e a conta com...



Produtora cultural fala do Bagagem, programa de intercâmbio para jovens da periferia

MAURO VENTURA



...JÉSSICA OLIVEIRA

POR **MAURO VENTURA**

mventura@oglobo.com.br

A produtora cultural e escritora Jéssica Oliveira sempre se virou. Aos 16 anos, começou a estagiar na Secretaria de Cultura de Nova Iguaçu na gestão de Marcus Faustini. Ao lado de Julio Ludemir e Ecio Salles, viu nascer a Festa Literária das Periferias, a Flupp, onde iniciou como Fluppenseira (participante do processo de formação de autores) e depois passou a produtora. Ainda com Ludemir, produziu a Batalha do Passinho e, em seguida, o espetáculo “Na Batalha”, sobre a dança. Como escritora, Jéssica, de 24 anos, que cursa Comunicação Social na Rural, fez parte da coletânea de autores populares “Eu me chamo Rio”, sobre os 450 anos da cidade, organizada por Ludemir e Ecio. Seu conto “A mala” entrou ainda em outra coletânea, “Je suis Rio”, lançada em setembro na França, com autores como Conceição Evaristo, Ferréz e Marcelino Freire. Este ano ela criou o Bagagem: Programa de Apoio ao Intercambista Popular, iniciativa acelerada pela Incubação Pense Grande, da **Fundação Telefônica Vivo** e da Aliança Empreendedora. Ele financia intercâmbios nacionais e internacionais para jovens da periferia. Na primeira edição, foram 30 inscritos. Na mais recente, 90. Em fevereiro está prevista uma nova seleção.

REVISTA O GLOBO: Fale um pouco de suas origens.

JÉSSICA OLIVEIRA: Sou de Morro Agudo, em Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense. Ou seja, sou da periferia da periferia. Minha família é super-humilde. Minha mãe, que faz vestidos de noiva, e meu pai, comerciante, só têm o Ensino Fundamental. Minha avó não sabe ler. Estou a apenas duas gerações do analfabetismo. Mas todo mundo pode empreender. Não é preciso um patrocínio milionário, você tem que fazer com o que está à mão, com qualidade e empenho, e com um grupo que acredite. É importante evitar a autossabotagem. Não dizer: “Não vou conseguir porque sou da periferia, porque não tenho dinheiro.”

Como surgiu o Bagagem?

Eu estava no trem quando li no celular um post sobre um atleta de Antares que precisava de verba para ir a São Paulo disputar um torneio. Já vi muita gente tendo que recorrer a vaquinha entre amigos e parentes para viajar. Pensei: “Podia ter um lugar em que o jovem de periferia buscasse apoio financeiro, para além de vaquinhas e crowdfunding, e ao voltar replicasse o conhecimento em sua comunidade.” O que difere os jovens de classe média e baixa é a oportunidade. Daí surgiu o Bagagem. Vi a importância do intercâmbio ao trabalhar como produtora nos projetos Circuito Favela Criativa e Tangelomango, produzidos pela Mil e Uma Imagens, da Marina Vieira. Neles há parcerias entre pessoas de várias áreas do Rio. As trocas vencem preconceitos de raça, origem, gênero e território. Esses projetos e as viagens que fiz pelo Brasil e a Nova Iorque com o musical “Na Batalha” me mostraram como os intercâmbios ampliam nosso repertório, nos transformam e nos dão a chance de construir redes, contatos e opções de vida.

Como o jovem vai conseguir pagar esse intercâmbio?

Metade ele paga mais tarde em até dez vezes sem juros. Afinal, não é um projeto social, é um negócio que visa impacto social. É inspirado no Muhammad Yunus, o banqueiro dos pobres. E o que o jovem paga vai para um fundo que permite a outro intercambista viajar. Os 50% restantes ele devolve à comunidade por meio de seu conhecimento e da experiência que adquiriu no intercâmbio. Exemplo: o primeiro a viajar foi Bruno Borges, de 23 anos, do Complexo do Alemão, que participou do Gramado International Open Jiu-Jitsu. A partir de janeiro, ele dará aulas gratuitas por oito semanas na favela. A gente não apenas investe no potencial do jovem como no compartilhamento de seu saber.

Quem foi escolhido nesta segunda edição do Bagagem?

Dois jovens viajam em janeiro. Vinicius Pierre, 27 anos, de Bangu, passará dez dias em Salvador no projeto Cipó e ao retornar dará oficinas para novos talentos em comunicação. E Andreza Jorge, 28 anos, da Maré, irá a Huancayo, no Peru, participar por seis semanas do projeto EmPower — Empoderamento Feminino, da AIESEC. Na volta, vai desenvolver o pensamento crítico em crianças e adolescentes sobre a importância da mulher na sociedade. Nem todo mundo tem dinheiro, mas todos têm algo para trocar. Conhecimento, saber, cultura, experiência e vivência não são exclusividade de uma classe. O maior valor de uma pessoa está no que ela sabe e não no que ela tem. ●